

## CANUDOS: JUNTANDO CACOS

*Gumercindo Martins*

*Agrônomo e pesquisador do CEEC/UNEB*

Antigua Rapa Nui, patria sin voz,  
perdónanos a nosotros los parlanchines del  
mundo  
hemos venido de todas partes a escupir en tu  
lava,  
llegamos llenos de conflictos, de divergencias,  
de sangre,  
de llante y digestiones, de guerras e durazos,  
en pequenas hileras de inamistad, de sonrisas  
hipócritas, reunidos por los dados del cielo  
sobre la mesa de tu silencio.

Pablo Neruda

### 1. BELLO MONTE: DESERTO. UMA FORMA DE VER

As comunidades sertanejas do semi-árido, afora aquelas situadas nas margens dos raríssimos rios permanentes ou açudes de grande porte, assemelham-se a desertos, quando vistos por observadores de fora ou estudiosos armados de instrumentos generalizadores como mapas em escalas muito grandes. Não há como imaginar vida humana nessas paragens.

Canudos antes do açude de Cocorobó, visto dessa forma, é a perfeita réplica do inferno. Serras e morros rochosos, impenetráveis. Vastas áreas de areia dando início ao Raso da Catarina - ermo desértico só acessível a jagunços e répteis venenosos -. Aqui e acolá uma poça d'água no leito estreito do Vaza Barris. Nada mais.

É essa visão comovente que leva Garcez (1977:13-14) a formular assim a sua questão básica sobre o problema canudense:

“A região onde se situa Canudos - Nordeste da Bahia - é das mais agrestes e estéreis dos sertões baianos.

As condições ecológicas e climáticas extremamente desfavoráveis, aliadas a grande distância dos centros economicamente ativos e à precariedade dos meios de transporte e comunicações, mantiveram a região marginalizada e não integrada no sistema agrário exportador da Bahia.

As grandes questões que se apresentam à curiosidade de estudiosos do assunto prendem-se basicamente a esse aspecto: a sobrevivência de um grupo que cresceu através de um rápido processo de inchamento populacional em um meio tão carente de recursos. Daí derivam as interrogações: teria realmente o movimento conselheirista motivação econômica? Como vivia ou sobrevivia a comunidade de Canudos? isto é, qual a sua base econômica?”

As ordens de argumentação da autora citada encerram pelo menos três “constatações”:

- 1 A região de Canudos é uma das mais agrestes e estéreis dos sertões baianos;
- 2 Separadas dos centros economicamente ativos devido às grandes distâncias e precariedade dos meios de transportes e comunicações;
- 3 Não integração do espaço ao sistema agrário/exportador.

Com pequenas variações essa é a visão mais difundida sobre o sítio no qual edificou-se Bello Monte e sua saga, derivada em última instância de Cunha (1986)

A maioria dos estudiosos compreendem que os documentos militares, são portadores de avaliações distorcidas da realidade. Primeiro por se utilizarem de instrumentos inadequados aos estudos micro-econômicos em sociedades organizadas sob a égide do campesinato; o segundo por realizarem os seus registros no fragor da guerra numa eco-região a eles desconhecida e hostil.

Nessa ordem de exposição, uma questão se coloca: É possível avaliar-se de outra ótica a questão resumida por Garcez no texto citado acima?

## 2. BELLO MONTE: OASIS. OUTRA FORMA DE VER

Três níveis de observação nos introduzem na temática deste subtítulo:

- a. avaliação preliminar do sítio de influência da vila sob o ponto de vista edafológico-climático;
- b. validação das assertivas colocadas em “a” através de personagens e autores que viveram ou estiveram presentes em Bello Monte;
- c. organização da vida na cidade.

A literatura que trata da vida de Antonio Conselheiro e do seu Séquito, indica que o sítio escolhido para a cidade sagrada já era conhecido pelos mesmos antes da chegada em 1893.

Muito depois de destruída a cidade e a sua proposta de vida, o Departamento Nacional de Obras Contra a Seca ( DNOCS ), estudou a Bacia do Vaza-Barris com a finalidade de barramento do rio, perenização do seu curso a jusante e posteriormente implantação do perímetro irrigado (1955). Esses estudos, corroborados pelo levantamento exploratório dos solos realizado pela EMBRAPA (1977), determinam que no espaço que vai da vila original até a Fazenda Cocorobó, inclusive o Perímetro Irrigado, cerca de oito mil hectares, situados às margens do rio, são constituídos de aluviões argilosos e vertissolos. Esses solos, de fertilidade média a alta, constituem um patrimônio natural de grande valor produtivo, quando utilizados dentro da sua aptidão agrícola. Nos locais mais altos, na direção do Rosário, Fazenda Macambira e a atual Canudos, surgem latossolos arenosos de fertilidade baixa a média, mas ajustados à produção de mandioca, cana-de-açúcar, abóbora, etc. Esses solos surgem abruptamente em substituição aos afloramentos rochosos em função de falhas geológicas que cortam a área no sentido perpendicular ao eixo do Vaza-Barris, segundo estudos do Ministério das Minas e Energia (1985).



Confirmando os estudos citados Santos Lage (1986-61-70), refere-se assim à localização dos vertissolos na bacia do Alto Vaza-Barris (Região de Canudos):

*“Les vertisols apparaissent dans la haute vallée sous la forme de petites taches le long de la route Br-16, du côté est jusqu’au sude de Bendengo et dans la plaine alluviale”.*

Os mapas apresentados nesse estudo, principalmente aquele localizado na página 68, indica que na planície aluvional, desde Belo Monte até o Canché, existe uma faixa estreita com um comprimento de cerca de 30 Km, reafirmando a qualidade das terras nos seguintes termos: “ce sont des sols fertiles avec des pourcentages importants de calcium, potassium et magnésium”. (1986-70)

No restante é o domínio imenso da caatinga estabelecida sobre solos rasos, pedregosos, assemelhando-se a imensos afloramentos rochosos.

*Ao observador desavisado, gigantesco deserto. Ao sertanejo conhecedor “das plantas de se comer no verde e no seco”, largo pasto aberto para os rebanhos e as gentes, além de farmácia de excelentes qualidades.*

Observe-se que entre 1893 e 1897 não existem registros de grandes secas no sertão (CUNHA, 1986-489). Esse fato legitima o depoimento de Manoel Ciriaco e Odorico Tavares (1947-48), quando assim se expressa:

*“No tempo do Conselheiro, não gosto nem de falar para não passar por mentiroso, havia de tudo, por estes arredores. Dava de tudo e até cana-de-açúcar de se descascar com a unha, nascia bonita por estes lados. Legumes em abundância e chuvas à vontade”. (grifo nosso)*

Essa constatação do que foi de fato o sítio no qual localizou-se a cidade, dá veracidade às afirmações de vários autores sobre o que era e acontecia naquela localidade.

Começemos a verificar essas afirmações. O Capuchinho João Evangelista de Monte Marciano, citado por Arruda (1993-162) na sua célebre viagem e relatório, assim se expressa sobre a primeira visão de Bello Monte:

*“A Fazenda Canudos dista duas léguas do riacho das pedras, no lado oposto à Serra Geral. A uma légua de distância o terreno é inculto, porém ótimo para a criação miúda, principalmente nas cheias do rio Vaza-Barris. Um quilômetro adiante descobre-se uma vasta planície muito fértil, regada pelo rio, na baixa de um monte, de cuja eminência já se avistam a casa antiga da Fazenda Canudos... e as misérrimas habitações dos seus fanatizados discípulos”. (grifo nosso)*

Manoel Benício (1899-171) assim se refere à cidade e seus arredores:

*“As margens frescas do rio eram cultivados com plantações de diversos legumes, milho, feijão gogotuba, favas, batatas, melancias, gerimuns, melões, canas, etc.*

*Nos terrenos arenosos viam-se milhares de matombos, grelando o talo tenro das mandiocas e outros com estacas de diversos tamanhos.*

*Pela vizinhança, os pequenos cultores da terra, em Canudos, possuíam sítios, pomares, fazendolas de criação de bode, animais vaccuns e cavallares...”*

No sentido de avaliar o sítio de Canudos favoravelmente, vale citar trecho do relatório do Dr. Américo Barreiras, médico comissionado na cidade de Alagoinhas, datado de 30 de janeiro de 1898:

*“Canudos ou Bello Monte, como lhe chamam ainda os seus ex-habitantes sobreviventes, fôra, antes da Guerra, um lugar saluberrimo; Parece que o juízo do mentecapto cearense readquirira todas as condições de lucidez e integridade, quando teve elle de fazer um local, que por sua posição e pela qualidade dos seus terrenos viesse a ser um exemplo de salubridade e de perspectiva... que satisfaz plenamente esse desideratum dizem-n’o os que lá foram, dil-o em sua linguagem rude e sincera o resto dos fanáticos com quem as circunstâncias me*

puzeram em contacto... observa-se alli um regime especial... tinham particular acatamento a moralidade em geral e o asseio individual; existia alli uma hygiene, rudimentar mas prática... donde o epitheto de imundicies ou as mundices com que os fanáticos distinguiam os soldados”.

Antes de discutirmos o terceiro ítem desta exposição - A Organização da vida em Bello Monte - é de todo importante que se desfaça uma opinião corrente. Referimo-nos à afirmação categórica por parte da maioria dos autores definindo a ocupação das fazendas Canudos, Cocorobó e poço de cima como pacífica. Para tal, valemo-nos de dois testemunhos insuspeitos.

Em primeiro lugar, invocamos o Barão de Geremoabo, segundo ARRUDA (1993:181), que dramaticamente assim se expressa no Jornal de Notícia da Bahia nos dias 4 e 5 de março de 1897:

“Protetor de Conselheiro eu, um dos alvos mais salientes de sua cólera, estou esperando a todo momento, a devastação de minha propriedade e a partilha das mesmas aos subchefes da seita, cuja doutrina é o comunismo !  
Protetor do Conselheiro eu que, na pessoa de minhas queridas sobrinhas, lamento, com profundo sentimento, a destruição das Fazendas Canudos e Cocorobó, a elas pertencentes ! (grifo nosso)

Destacamos deste discurso a afirmação grifada por conter dois elementos fundamentais. Primeiro a grande extensão de terras ocupadas, praticamente abrangendo toda a área em discussão no conjunto deste estudo. Segundo pela afirmação contrastante com as afirmações de Manoel Benício e tantos outros, quando se referem ao uso da terra pelos canudenses. O termo “destruição” utilizado pelo Barão de Geremoabo, refere-se a desmoralização da “ordem coronelística” do espaço; a uma forma de uso da terra e do poder só classificável como “seita, cuja doutrina é o comunismo !”

O segundo tratamento do assunto ao qual vamos recorrer é o de Manoel Benício (1899:165-166), que assim se expressa:

“Depois de perambular... Conselheiro chegou por uma tarde no arraial de Canudos, terreno do Dr. Fiel, que tinha diversas fazendas de criação e sítios agrícolas por aquelas bandas. Com a morte do Dr. Fiel, seu genro Dr. Paulo Fontes (casado com a sobrinha do Barão de Geremoabo - nosso acréscimo), tomou conta das fazendas, retirando-se mais tarde em virtude dos acontecimentos que se desenrolaram ali, depois da chegada do Conselheiro e sua gente. O negociante Jesuíno ... Foi forçado a retirar-se de lá, abandonando os seus trens e negócios. Conselheiro começou a reinar então em Canudos, que baptizou por Bellô Monte... As mulheres não estavam inativas... As moças fabricavam redes ... outras mulheres fabricavam o sal da terra. Estava feito o sal em porção sufficiente para o tempero, e para supprir os inumeros cortumes... Enquanto isto, o malho dos Ferreiros ...anunciava que não havia falta de foice, faca, chuchos, machados, etc, no arraial”. (grifo nosso).

A citação reproduzido acima, no conteúdo grifado indica claramente que não só o uso da terra, (não à sua propriedade), como os costumes econômicos em geral, inclusive os comerciais e industriais, foram alterados profundamente. A velha representação da ordem senhorial, na figura dos coronéis, era substituída por algo incompreensível. Essa formação social, tão separada do contexto regional, levaria Benício a afirmar: “Conselheiro começou a reinar então em Canudos”, no sentido exato do termo grifado.

Portanto, nos parece que a base da organização de Bello Monte é o rompimento da formação social prevalente nos sertões, viabilizada pelas condições favoráveis do sítio escolhido; da organização tipicamente camponesa do uso dos recursos naturais e principalmente uma “prática religiosa (que) forjou a identidade ideológica cultural comum aos grupos envolvidos no conflito” (PERGIRA:1985-97).

Essa junção de fatores coloca Bello Monte como um verdadeiro oásis no mundo sertanejo, enquanto viveu sem a guerra.



### 3. BELLO MONTE. CIDADE SAGRADA. LUGAR DE VIVER.

Na medida em que os pesquisadores e estudiosos não se dão conta das possibilidades do local onde se instalou a cidade, no mínimo surge grande perplexidade. É dessa postura, que aparecem como formas de explicar o movimento como vivendo de esmolas e misérias, de botins resultantes de assaltos ou de apoios dos movimentos restauradores da monarquia.

Essas interpretações, como aquelas ligadas a uma intenção socialista, seja no seu conteúdo científico, seja naquelas orientadas pelas doutrinas comunitárias da Igreja Católica primitiva, parece não se sustentarem nos documentos já conhecidos. Assemelha-se muito mais às ocupações de terras devolutas ou não, por grupos organizados, com o fim precípua de sobreviver, viabilizadas (em Canudos), de um lado pela visão judaíta de Moisés e pelas pressões da sociedade, expressas inicialmente pela Igreja Católica e pelo Estado policial/político.

Queiroz (1965), Pergira, Benício, Barão de Geremoabo, entre outros, oferecem, no conjunto dos seus trabalhos relativos a Canudos, uma visão do sistema organizativo da cidade, englobando alguns níveis de observação importantes para a sua compreensão inicial, ao mesmo tempo em que levantam instigantes problemas a serem estudados nessa que foi a mais importante manifestação da população sertaneja do Brasil no século XIX.

Desses estudos pode-se depreender como características que fundamentam o surgimento do núcleo:

1. organização interna da cidade, independente da ordem estatuída nas demais aglomerações urbanas do semi-árido;
2. acesso à terra para uso produtivo (não propriedade), independente dos postulados coloniais;
3. comércio de intenso fluxo entre Bello Monte e outras cidades da região, incluindo a pele de caprino para exportação. No sentido de fixar esse fato, tomamos a palavra de Benício (Obra citada, pgs. 179-180): "Os emissários do Kalifa de Canudos negociavam em Vila Nova, onde compravam pólvora... Monte Santo, Juazeiro, Geremoabo, Bom Conselho, Chorrochó, Capim Grosso e outros povoados e Villas da Bahia, Sergipe, etc" e ainda Pergira (1985:29-30), que

afirma: "a prosperidade notória do povoado de Canudos se devem à ação de dois aspectos intrínsecos à organização econômica. O primeiro... da intensa rede de comunicações... o segundo pelo trabalho intenso... na produção de gêneros alimentícios... indústria de couros e peles";

4. modificação total dos modos de produção tradicionais no semi-árido do século XIX, conformando um espaço quase autárquico, não fosse a intensa rede de comércio, inclusive com a produção de peles para exportação;

5. ocupação não consentida e muito menos pacífica de grande espaço geográfico imediato (e produtivo), conformado pelas fazendas Cãudos, Cocorobó e Poço de Cima;

6. importante fluxo financeiro e de produtos aportados pelos Bello Montenses quando chegavam, pela venda dos bens possuídos alhures (1993:181-182).

Por tudo isso Bello Monte tornou-se o lugar, sobre todos, do semi-árido do século XIX, como lugar de viver uma vida ao mesmo tempo farta e santificada. Livre da tutela dos senhores das terras e das gentes, baseada unicamente nas palavras do Peregrino, que na fala de Honório Vilanova e Macedo (1964-67), assim revelava: "de tudo se tratava porque a nenhum pertencia e era de todos, pequenos e grandes, na regra ensinada pelo Peregrino".

Assim o deserto se fez Oásis, até que a Guerra...

### BIBLIOGRAFIA CITADA:

- 1 ARRUDA, João - Canudos, Messianismo e conflito social, edições Secult/UFC, Fortaleza, 1993.
- 2 BARREIRA, Américo - Relatório apresentado à Inspeção Geral de Higiene do Estado da Bahia pelo Dr. Américo Barreiras - 30 de janeiro de 1898 Arquivo do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC-UNEB.
- 3 BENÍCIO, Manoel - O Rei dos Jagunços - Chronica Histórica e de Costumes Sertanejos - Rio de Janeiro, typ do Jornal do Comércio de Rodrigues S.C. 1899

- 4 CUNHA, Euclides da, *Obra completa*, vol. I - À Margem da Geografia, Rio de Janeiro, Aguilar Editora.
- 5 CUNHA, Euclides da "Os Sertões" - Vol. II - Aguilar Editora - 1986.
- 6 DNOCS - Projeto de Barramento do Rio Vaza-Barris-Fortaleza-1955-1958.
- 7 Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária. Serviço Nacional de Levantamento e Conservação de Solos - Levantamento Exploratório Reconhecimento de Solos da Margem direita do Rio São Francisco; Estado da Bahia - Recife, 1977.
- 8 GARCEZ, Angelina Nobre Rolim - Aspectos Econômicos do Episódio de Canudos - Centro de Estudos da Bahia - Universidade Federal da Bahia - 1977, nº 81.
- 9 MACEDO, Nertan - "Memorial de Vila Nova", Rio de Janeiro, O Cruzeiro, 1964-1998.
- 10 PERGIRA, Ferdinando Cavalcante - Entre Deus e o Diabo - Tese de Mestrado apresentado à UFBA, tendo como orientador o professor Calazans, 1985.
- 11 República Federativa do Brasil, Ministério das Minas e Energia - Projeto Mapas Metalogenéticos e de Previsão de Recursos Minerais - Folha SC. 24-y-B-, Senhor do Bonfim, Região Nordeste - Brasília, 1985.
- 12 TAVARES, Odorico - Canudos Cinquenta anos depois (1947) - in: Bahia, imagens da terra e do povo - Rio de Janeiro, J. Olympio, 1951 - p. 231-291.
- 13 QUEIROZ, Maria Izaura Pereira - O Messianismo no Brasil e no Mundo - ed. Alfa, Ômega, S.P. 1977.
- 14 SANTOS LAGE, Creuza - "Les Milieux Naturels de la haute vallée du Vaza Barris, Bahia-Brasil" these de doctorat de 3<sup>ème</sup> cycle en géographie de l'aménagement - Université de Bordeaux III - 1986.

## AS FONTES DOCUMENTAIS DA HISTÓRIA DE CANUDOS

*Maria Lúcia Horta Ludolf de Mello*  
Chefe do Arquivo  
Fundação Casa de Rui Barbosa

"O papel velho é matéria e informação nova  
para o trabalho de um pesquisador"

Carlos Drummond de Andrade

Quanto já se escreveu sobre o "fenômeno Canudos" ?

Este é um tema, sem dúvida alguma, marcado na nossa produção literária nacional não só pela paixão que desperta, como pelo vulto de publicações e cada vez mais numerosas.

No ano de 1959, o Professor José Calasans em *Subsídios para a bibliografia da Campanha de Canudos* relacionava e comentava 111 fontes entre livros e artigos de periódicos para o estudo da Campanha.

Em 1971, Irene Monteiro Reis presta sua contribuição editando a *Bibliografia de Euclides da Cunha* que registra 3010 referências entre livros, folhetos, capítulos de livros, artigos de revistas e jornais, desenhos, caricaturas, separatas, crônicas, sobre a vida e obra do autor de *Os Sertões*, cujo enfoque maior é ao que se amalgama com os episódios de Canudos. Mais de 700 referências são de fontes diretamente ligadas ao conflito, em observância a todas as questões colocados neste texto épico de *Os Sertões*, às suas interpretações que não só esclarecem e enriquecem os estudos da obra literária em si, como os fatos, os dados históricos sobre o movimento de Canudos.